

Não alvoróça tanto, e não surprehende um grito
 De espanto e de terrôr,
 Como ao que teve acaso em ti seus olhos fito,
 Como as que viu nos teus a imagem do infinito
 No infinito do amor.

De tarde, quando o sol vólta,
 E para o mar se debruça,
 A tua frente soluça,
 O teu olhar sombras tem :
 Mas o sol, que leva o dia,
 Não carrega os teus encantos :
 Por que te salpicam prantos,
 Como orvalhos a ceceem ?

Oh! deusa, essa tristeza eleva-te num plintho ;
 E'mesmo o teu altar ;
 D'elle o teu pensamento ir para azúes eu sinto :
 D'elle se erguem teus pés sobre este labyrintho :
 O pensar é chorar...

Eis por que vejo em ti mais, que a mulher querida,
 Mais, que o meu sonho quér :
 Tu és a fé, que crê; o sabio, que duvida;
 Tu és todo esplendor, e todo horror da vida :
 Amo-te assim, mulher.

LUIZ DELFINO

POESIA MODERNA

(Esboço de um estudo)

Accentuadas e já bem definidas estão até certo ponto as linhas que caracterizam a poesia moderna. A sua concepção é a mais alta e a mais clara. Baseada nas outras correntes estheticas que a precederam, ella brota dessas correntes mesmas, como a flôr espiritual dos mais altos sentimentos que as convulsionavam. Obedecendo ao movimento que ora se opera em todas as artes, cujas tendencias têm o seu ponto de apoio nesse mesmo espiritalismo a que aspiram todas as almas, ella é a expressão viva desse sentimento, que gyra no polo da sensibilidade humana. Corresponde, pela sua delicadeza propria e pelo seu modo vago de exprimir, a esse estado meio-inconsciencia, meio-névoa, da mentalidade actual. Essa indecisão a que se acha acorrentada e esse seu abrir de azas para o infinito, na ancia suprema de desprender-se das algemas que a sujeitam á materialidade do contacto, é sem duvida o que lhe dá esse character nebuloso e obscuro, que é o do proprio sentimento, e, portanto, do symbolo que o representa. Os vehiculos de transmissão da sensibilidade e da emoção, para o desempenho completo dessa missão melindrosa, têm que forçosamente adquirir uma tal subtilidade e uma delicadeza tão requintada, que elles se tornam imperceptiveis a olhos não affeitos a essas nuances, que exigem igual correspondencia de sentir. Sem a plasticidade adquirida pelos antigos processos, e que se accentuara na poesia parnasiana, os meios de que ora dispõe o verso, são mais verdadeiros e mais sympathicos, por servirem de transmissores das affinidades secretas do sentimento das cou-

sas com o sentimento do artista que dellas tira o seu objectivo. Da poesia moderna, se tem como que a idéa de um espelho, cujos raios de reflexão, ao envez de dar as fórmulas exteriores das cousas, aprehendessem o sentimento obscuro que as anima. E esse espelho que assim se nos afigura, não é senão a propria alma do artista, que, possuindo essas propriedades emocionaes, se faz o reflector desse sentimento, emprestando-lhe suas forças projectoras, que o reflectem com mais ou menos intensidade, conforme o gráo de attracção e de projecção da que é possuidora. Ao envez de dar com toda precisão e com todo desenho, as fórmulas superficiaes e palpaveis, ella reproduz a alma das cousas, os mysterios que existem na intimidade de seus recessos. Convergindo todos os sentidos para um só centro de attracção, faz delles uma só corda emotiva, capaz, pela sua tensibilidade, de vibrar com intensidade bastante a reproduzir, nas suas variações diversas, os sentimentos mais obscuros e mysteriosos. Mas para que a alma adquira essas apuradas qualidades reflectivas, por sua vez fazendo do cerebro o alvo de sua projecção, é preciso que o organismo, por um desenvolvimento sobrenatural, esteja capaz de ser atuado por esses sentimentos obscuros, que por sua delicadeza e por não estarem em contacto directo com os sentidos, n'outro organismo commum e normal, passariam desapercibidos, sem que o emocionassem. Para que o sentimento interior das cousas, tão subtil e tão vago, possa despertar os sentidos, é preciso que encontre n'estes, como órgãos principaes, em mais alto gráo, o desenvolvimento que se dá no resto do organismo, isto é, que estejam de um refinamento muito agussado e de uma vibratibilidade emotiva excepcional.

Sendo essa a concepção da poesia, ella é obrigada a permanecer nessa indecisão de névoa, que a todos confunde e que a poucos dá a sua verdadeira rasão de ser. Vinda das origens vivas das outras escolas que predominaram, que foram se succedendo, geradas umas das outras, ella perfectibilisou-se por attenuações que a foram adelgaçando e espiritualisando, dando-lhe uma tal delicadeza só comparavel á prodigiosa auditividade de um tísico. Em todas essas escolas, que o tempo foi sepultando, tem, pois, a poesia moderna, as suas raizes, as origens de suas fontes. Ella brota do romantismo e do lyrismo, surge do proprio satanismo, irrompe do parnasianismo e do naturalismo, com todos os seus desmaios e deliquios, com todas as suas flôres de laranjeira, espalhadas sobre seus bucolicos idyllios, com todos os seus infernos fabulosos, com todas as suas decorações sem expressão e sem vida, com todas as suas grosserias e luxurias. Atravez de todas essas correntes, é que a poesia moderna veio se formando, se desenvolvendo, apoderando-se da materia prima de que são possuidoras, perfectibilisando-a nos cadinhos de seus sentimentos e de suas emoções.

O naturalismo, como agente provocador de uma reacção definitiva, trouxe consigo a brutalidade primitiva de seus instinctos selvagens. Sendo preciso um choque eloquente de sentimentos e de idéas, para surgirem, na sua castidade e simpli-

cidade evangelicas, as tendencias estheticas ora dominantes, as asperezas do naturalismo, com seus antipathicos e falsos processos, explodiram por todos os seus póros, como que clamando por uma reacção reparadora.

Quando a preocupação unica era a perfeição da fôrma, quando a arte ia tomando toda uma feição mechanica, em que só predominava a technica, como o ponto mais alto da esthesia, o naturalismo abriu as fauces de suas luxurias, poz á luz do sol os pantanos de seus sentimentos, materializando assim ainda mais a arte, procurando até nas sciencias experimentaes a razão de ser de sua existencia.

E esse materialismo de que se iam invadindo os costelados dominios da arte, foi até certo ponto, um incitamento energico e forte, para apressar essa reacção, por que já reclamavam as almas, na ancia em que se viam presas. Foi mesmo uma necessidade exigida para esse desenlace que veio arrancar da asphixia mortal em que se achavam os espiritos que se debatiam no carcere da materia, sem a luz protectora dessa miraculosa lampada do sonho, que illumina as estradas infinitas e largas da vida, mostrando as consoladoras e nebulosas estradas da morte.

As tendencias estheticas que ora predominam, provocadas em parte pela reacção desse movimento materialista, vieram a ser o centro receptor e projector dos sentimentos que fremem em todas as almas, como as cordas subtilissimas de uma lyra extranha que se perdesse no infinito, na derrocada de um turbilhão de estrellas.

Perdendo esse lado material de que se ia caracterizando, quer no parnasianismo, quer no naturalismo, a arte passou a ser um verdadeiro espelho da sensibilidade, que reproduzindo com os seus raios reflectivos, o sentimento interior de cada cousa, a alma de cada ser, nos dá esse sentimento e essa alma, através do sentimento e da alma requintada e perfectibilizada de poeta, cujas cordas emotivas vibram mais fortes e mais se tensibilizam, do que as dos outros seres. Concebida assim a poesia nessas bases luminosas, ella ha de ter muito de vago e de indeterminado, como vago e indeterminado é o sentimento.

Essas tendencias estheticas, ainda tão mal comprehendidas, já tinham sido no emtanto previstas por Taine. O admiravel propheta dessa magestosa biblia da sabedoria, dessas taboas da esthesia, que são a sua philosophia, presentira esse sentimento que já dominava as almas, procurando nos sons indecisos e vagos da musica, o que se coadunasse com a super-excitação emocional de seu espirito, todo voltado á sêde dos encantos indefinidos. Era pois essa sêde, essa ancia abstracta, que já attrahia as almas para as regiões impalpaveis do som, para os dominios de suas abstracções e de suas volupias espirituaes, esse vago desejo que lembrava os olhos vasioes de um cégo, inutilmente se abrindo na ancia angustiosa de ver a luz, o alvorecer desse novo sentimento de que se ia apoderar a arte. Sem saber dizer a razão de ser do seu extase, o motivo de sua ancia, arrastavam-se as almas instinctivamente, como

que apontando a corrente espiritual que se devia seguir, o painél que se desenhava nas fugidias curvas do horizonte, como a mais alta expressão do sentimento humano. E esse sentimento indeterminado e nebuloso, que a musica dá na etherisação de seus sons, tinha de ser mais tarde adaptado a todas as outras artes, pois que a isso aspiravam as almas, quando se extasiavam na volupia dessas symphonias brumosas, em que os sonhos mais velados, os pensamentos mais obscuros, os desejos mais fugidios e vaporosos, passavam como as visões, nos olhos azues de uma tuberculosa.

Para que despertasse nas almas esse mesmo sentimento que a musica despertava, era preciso que a poesia correspondesse a esse alto gráo de subtilidade e de fluidez, de que é dotada a musica, que vibrasse como as cordas de uma grande harpa, e que nas suas vibrações se sentisse esse vago anejo e esse fiemito vago, que caracterisam a musica e a distinguem das outras artes. Era preciso que a poesia se fluidificasse, se tornasse tão maleavel, que ella fosse só sentimento, só sensibilidade se tornasse. D'ahi, dessa nova feição, é que parte a sua obscuridade. Exprimindo a poesia o sentimento das cousas, a alma e não as exterioridades; reflectindo o que ha de obscuro, o que ha de interior, no abysmo de cada ser, no fundo de cada coisa, precisamente os meios de transmissão desses lados sensiveis, tinham que ser tão subtilissimos, tão incorporeos, a se tornar obscuros aos que não estivessem em analogas condições de receptividade.

Tendo a poesia moderna por fim apprehender a alma das cousas, dando-a diffundida através da alma de cada individuo que se propõe a arrancar de sua lyra os accordes ennevoados e indecisos desses sentimentos, os meios de que é obrigada a se servir, são taes, tão melindrosos, que ella se representa revestida de uma névoa de obscuridade. E essa obscuridade advem no emtanto de se não poder dar corpo a esses sentimentos, da impossibilidade de se plasticisar a sensibilidade. Firmada no sentimento, pois que em reproduzil-o é que a poesia consiste, sendo por essa forma de uma sensibilidade excepcional, portanto impossibilitada de corporisar-se, parando nesse mundo ennevoado de symbolismo, fica infinitamente longe da percepção vulgar, do entendimento dos que não estão na mesma reciprocidade de sentir.

As novas tendencias estheticas, trazendo novos encantos, desvendando outros mundos ignorados, abrindo thesouros que dormiam ainda inéditos no mysterio de sua obscuridade, trouxeram comsigo, até certo ponto, um tanto de egoismo, no impossibilitar a sua facil percepção. E'dessas tendencias, do seio virgem de seus sentimentos, que florescem os brancos lyrios da emoção, que irrompem os accordes maravilhosos dessa musica extranha, ainda não ouvida, ainda não sentida, cheia de visões e de névoas, que lembra através de neblinas uma paysagem da Scandinavia, ou a branca evaporação do luar, atravessando as velhas torres dos castellos e as ruínas de palacios derrocados.

Mal interpretada, a poesia encontrou em muitos de seus

cultores, méros fazedores, mais ou menos habilidosos, do verso. O trespalante encanto que a perfuma e que tem a propriedade de certas flôres que venenosamente delicias, é por um muito limitado numero de artistas, sentido e gosado. A simplicidade de sua expressão, está na razão inversa da sua comprehensão. Assim é que passará incomprehendida a poesia dos symbolistas, que nos seus versos dão como que verdadeiras nuances da emoção. Passará por obscuro e impenetravel, o que ao contrario disso é claro e expontaneo. Sem preparo espiritual sufficiente, para sem desvios e fraquezas, receberem essas novas correntes, em geral fazem as mais disparatadas interpretações. Querendo nellas encontrar as bellezas palpaveis das outras escolas, que florescem como grandes e exquisites flôres, se vêm perdidos no infinito de um grande deserto. A poesia moderna, pereproduzindo a alma e os sentimentos interiores, não pôde estar sujeita a acção do contacto material, mas sim do contacto espiritual.

De sorte que, da mesma maneira que o artista, sendo o agente receptivo do sentimento intimo das couzas, o transmite atravez da sua alma, os que o quizerem apreender, são obrigados a estar mais ou menos aptos a pôr a sua alma em contacto com essa que se fez o fóco projector desse sentimento.

Não estando ao alcance de todos, por motivos justificaveis, torna-se naturalmente a poesia incomprehendida. Conseguindo impressionar o aparelho auditivo, não consegue no emtanto despertar os sentimentos intimos. Procurando-se no symbolismo da poesia uma simples questão de forma litteraria, elle premanecerá no cahos do seu eterno mysterio, sem que se lhe descubram as bellezas que o envolvem.

Embora tenha sido até agora esse o resultado da poesia moderna, nos espiritos menos aptos para comprehendel-a, os poetas, como novos Davids apaixonados, sem se aperceberem disso, de suas harpas continuarão a arrancar as musicas maravilhosas, que de estrellas irão constellando o mundo inteiro, n'elle gerando novos e mais largos mundos.

SATURNINO DE MEIRELLES.

A ESPADA

I

Cavalheiros os tempos já passados,
de pagens, de donzeis, de fidalguia,
de castellos, de reinos brazonados.

Ar cortezão de graça e phantasia
atravéz dos olhares e dos beijos
no silencio de cada galeria...

Foi nesse bravo tempo dos lampejos
de espadas, de punhaes e de couraças
por combater frementes de desejos.